

FACULDADE DE FILOSOFIA E LETRAS DE JUIZ DE FORA  
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS- I SÉRIE - PROGRAMA DE SOCIOLOGIA  
ANO - 1966

PROFESSOR: - Henrique José Hargreaves

I SEMESTRE : - CINCO UNIDADES

I UNIDADE:- Iniciação à problemática científica da sociologia. Noção de ciência e suas espécies.

- a) definição nominal e real de sociologia.
- b) noção de ciência especulativa, normativa e positiva.
- c) distinções essenciais entre ciência, opinião e fé.
- d) análise dos elementos subjetivos do conceito de ciência: - unidade, objetividade e generalidade
- e) dogmatismo, empirismo e experimentalismo sociológico.

II UNIDADE: - Sociologia e ciências sociais.

- a) sociologia e antropologia social
- b) sociologia e etnografia
- c) sociologia e direito
- d) sociologia e política
- e) sociologia e economia
- f) sociologia e psicologia social
- g) sociologia e história
- h) Conceito integral de sociologia:- sociografia e sociologia postuladas pela sócio-política e ação social.

III UNIDADE:- Raízes históricas da sociologia

- a) o passado da sociologia:- de Platão a Santo Agostinho e de Aristóteles a Santo Tomás.
- b) características do pensamento sociológico dos séculos XVII, XVIII e XIX.
- c) Correntes sociológicas em luta no mundo contemporâneo.

IV UNIDADE: - Problemática da sociedade.

- a) a sociedade do ponto de vista fenomenológico
- b) a sociedade do ponto de vista metafísico
- c) a sociedade do ponto de vista ético





- d) a sociedade do ponto de vista científico estrutural (Gestalt).

V UNIDADE: - Sociogenética Geral

- a) sociogênese dos grupos naturais, artificiais e sociais.  
 b) sociogênese da classe  
 c) sociogênese da massa e das minorias

II SEMESTRE : CINCO UNIDADES

VI UNIDADE: Problemática do Fato Social

- a) Conceito de Durkheim e Vilfredo Pareto  
 b) Conceito dialético do fato social (Hegel e Marx)  
 c) Conceito realista do fato social: - elementos materiais e formais.  
 d) leis de interdependência dos elementos materiais do fato social.

VII UNIDADE: - o Composto Humano

- a) Conceito cristão do composto humano  
 b) Conceito marxista do homem  
 c) confronto dos dois conceitos cristão e marxista.  
 d) estruturação da sociedade, segundo um e outro conceito

VIII UNIDADE: - Generalidades sobre métodos e técnicas: -

1 - Sobre método :

- a) regras universais (Descartes, Bossuet, e Cícero)  
 b) método indutivo e dedutivo  
 c) método estruturalista na sociologia

2 - Sobre métodos:

- a) espécies de estruturalismo: - fenomenológico, genético, dialético, concretista, indispensáveis ao estudo da microsociologia.  
 b) estudo dos casos, estatístico, comparativo, observação participante e experimental, indispensáveis ao estudo da macro-sociologia.





- 3 - Sobre técnicas:-pesquisa direta e indireta, entrevista, formulário, questionário e monografias.

IX UNIDADE: - Processos sociais

- a) simples:acomodação, aproximação, agregação, etc.
- b) complexos - convenção, oposição, conflito, dominação, superordenação, estratificação, etc.

X UNIDADE: - Teses sociológicas gerais, a títulos de complementação

- a) importância da sociometria baseada no sociodrama e no psicodrama.
- b) o reencontro dos instintos e da pessoa na "gestal" - dos grupos.
- c) a massa e as conotações específicas de sua cultura.
- d) valor relativo historicismo como método sociológico.
- e) conexão dos três conceitos: - "humanismo", "cultura" e "civilização".

BIBLIOGRAFIA:-

I - Obras de consulta indicadas aos alunos:

"Les Méthodes Strutralistes dans les Sciences Sociales"-Jéan Viet-Editions Moutons - 1965.

Le vocabulaire des Sciences Sociales" - Raymond Boudon et Paul Lazarsfeld - Editions Moutons -1965

"As Classes Sociais" - Emile Pin - 1964

"A Estrutura Social" - Julian Maris - 1955

"Para uma Estrutura Cristã do Estado"- Giorgio La Pira-1965.

"Tratado de Sociologia" - Recásens Siches - 1965.

"Traité de Sociologie" - Georges Gurvitch - 2 volumes- 1958

"Sociologia do Sobrenatural" - Luigi Sturzo - 1960

"Une Réponse au Défi de l'Histoire"-Alfred Frisch-1954

II - Ensaio e Obras, entre outros, frequentemente citados em aulas:

"G. Balandier: - Sociologia Actuelle de l'Afrique Noitre"-1965

"H. Becker and A. Boscoff - "Modern Sociological Theory"-1957

M. Dufrenne:-"La Personnalité de Base" - 1953

J. Gillin: - "For a Science of Social Man":-Convegnces

thropology, psychology and Sociology - 1954.





Anexo Fls.4

- M. Gluckman:- "Custom and Conflit in Africa"- 1955  
 A. Kardiner:- "The individual and his Society"- 1939.  
 A. L. Kroeber:- "Anthropology Today" - 1953  
 C. Levy Strauss:- "Anthropology Structurale - 1958.  
 R. Linton: - "The Science of Man in the Wordl Crisis"- 1945.  
 B. Malinowski: - "A Scientific Theory of Culture and Other Es  
 says" - 1944.  
 M. Mauss: - "Sociologie et Anthropolog: - 1950.  
 A. R. Radcliffe Brown: - "Structure and Function in Primitive  
 Society" - 1952.

.. \* \* \*





Juiz de Fora, 28 de março de 1966

Exmo. Sr. Prof.  
Wilson de Lima Bastos  
DD. Presidente do Departamento de  
Estudo Econômicos e Sociais da  
Faculdade de Filosofia e Letras de  
Juiz de Fora

Os alunos do Curso de Ciências Sociais, abaixo assinados, tendo em vista a eleição para Presidente do Departamento de Estudos Econômicos e Sociais, através de seu representante no referido Departamento, indicam o nome do Professor Alexis Stepanenko para a ocupação do cargo.

Luiz Flávio Rainho T. Ribeiro  
Jorge Aparecido Monteiro  
Oswaldo Braga Coelho  
Maria de Lourdes Corrêa dos Santos  
Rosaly Ferreira Lage  
Ieda B. Ferreira  
Terezinha J. M. Junqueira  
José Osvaldo dos Santos  
Lineur Marques do Amaral  
Roberto Fontes Cintra  
Raphael Vidal Lusi  
Maria Auxiliadora Nicolato  
Altair Gomes Nogueira  
Edy Helena Bastos Silva  
Sérgio Costa de Paula  
Regina Rodrigues Morais  
Laice Dias Calaes  
Maria Helena Andrade de Paula  
Lêda Costa de Paula  
Doracy Ferreira do Nascimento  
Edna Campos Lima  
Vilma Miana  
Celina Reis Faria  
Neli Ferreira do Nascimento  
Betriz Bento de Souza  
Zuleide Losas  
Laura Villaça  
Josias Lima  
Marlene Hallack  
Delisette Monachesi Peres  
Maria da Graça G. Batista  
Ilegível  
Carmen D. Guimarães  
Luzia Serpa  
Regina Maria de Brasil Camargo  
Marli N. de Queiroz  
Sílvia de Alencastro Botti





Colenda Comissão nomeada pela Egrégia Congregação da Faculdade de Filosofia e Letras de Juiz de Fora, para decidir do requerimento de inquérito pedido pelo Professor Henrique José Hargreaves, titular da cadeira de Sociologia.

COLETA COMISSÃO

Em virtude da respeitável deliberação da Egrégia Congregação da Faculdade de Filosofia e Letras de Juiz de Fora, transferindo a essa douta Comissão o delicado e espinhoso encargo de deliberar do mérito do novo pedido de inquérito administrativo, baseado em exposição e denúncia fundamentadas, que endereçou à Diretoria da Faculdade, pedimos v. da para, em reforço das alegações ali enumeradas e melhor esclarecimento dos fatos graves por nós apontados, oferecer-lhe o presente memorial, que solicitamos seja considerado parte integrante do novo recurso.

INTRODUÇÃO

Lamentavelmente não é permitido sustentar a posição equívoca assumida por S. Ex.<sup>a</sup>, o Sr. Diretor da Faculdade, que, tendo indiciado na denúncia, só por insistência do reclamante, em trinta dias exatos da apresentação da queixa, depois de usar de todos os recursos protelatórios, o encaminhou ao plenário da Congregação, dando ao mesmo uma amplitude que não se incluía no novo propósito.

Tal conduta evidentemente desvia dos mais rudimentares princípios éticos exigidos de quem dirige uma unidade universitária, agrava-se, no caso, pela violação de seu interesse, em que sua defesa própria fica em segundo plano, os principais indiciados, como se verifica nas "Considerações em torno da denúncia pública", objeto desta.

CONSTITUIÇÃO

1. Dizes os indiciados em sua defesa que:  
 "O professor Henrique José Hargreaves transcreveu vários trechos da citada obra (Kingsley Davis), grifando algumas frases e parágrafos esquecendo-se, porém, de sublinhar outros tantos que expressariam mais corretamente o pensamento do Autor". (pág. 2).





CONTESTAMOS: - Não é exato. Transcrevemos o essencial das páginas 17, 18 e 40 do volume I; e quase na íntegra o capítulo "Juventude e Educação na Rússia", págs. 270/1, do mesmo volume. Igualmente, foi transcrito o essencial da página 101 e quase na íntegra o conteúdo nas págs. 132 a 135, sobre o "Tabu do Incesto"; bem como o conteúdo na página 247 sobre "Instituições Religiosas"; e 275/6, sobre "Religião versus Ciência"; finalmente, tudo o que se contém de essencial sobre o "Infanticídio", às págs. 301/2 no volume II.

2. Dizem os indiciados na sua defesa:

"A Madre Albertina Brasil Santos, então Diretora da Faculdade de Serviço Social de Juiz de Fora, consultada, disse-nos não se recordar de ter insistido em qualquer indicação de professores para compor o corpo docente da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora". (Pág. 4/15).

CONTESTAMOS: - Se efetivamente Madre Albertina disse o que acima se contém, tudo que podemos é lamentar a fraqueza de sua memória. De nossa parte, porém, sustentamos: foi, por seu intermédio, que conhecemos o Prof. Stepanenko, recordando-nos até dos termos nos quais ela insistiu conosco para acolhe-lo no nosso meio, o que só provocados, tornamos públicos: "A Faculdade de Serviço Social de Juiz de Fora contratou, no Rio, o Prof. Stepanenko, que vem a Juiz de Fora por três dias cada semana, afim de ministrar aulas de sociologia a nossos alunos ... Acontece, que além das despesas de viagem, somos forçados a pagar-lhe o que a Faculdade não pode pagar ... não haverá um jeito de o sr. se interessar por êle, facilitando sua mudança para Juiz de Fora, a fim de nos aliviar?".

Nossa resposta foi imediata: "peça a êsse môço para procurar-nos, Madre, e o receberemos com o máximo interêsse".

Como nosso primeiro contato com o prof. Stepanenko - demorasse um pouco, não por nossa culpa, mais de uma vez, a referida Madre voltou ao assunto, recebendo de nós sempre a mesma resposta, confirmada, aliás, ao referido professor nestes termos, quando de nosso primeiro encontro e de ouvir-lhe as pretensões:

"Prof. Stepanenko, o sr. caiu do céu ... estava três ou quatro anos de nosso afastamento do magistério ... introduzi-lo na "Faculdade de Filosofia", como nosso assistente





procuraremos fazer o mesmo na de "Ciências Econômicas"... de tal forma que o sr. já poderá ir-se preparando para o respectivo concurso e com a vantagem não só de se preparar no exercício da cátedra, como também de poder concorrer, com esses dois títulos a mais ..."

3. Dizer os indiciados na sua defesa:

"A ata da sessão da Congregação da FAFLE realizada em 3 de março de 1967 e, certamente, as Atas do Conselho Departamental, relatam que estando o Titular da cadeira de Sociologia em licença, a professora Maria Andréa Rios Loyola passou à condição de titular e na função de regente indicou os professores Anthony Mendonça e Rosa Durán Stepanenko como seus assistentes. O Conselho Departamental aprovou a indicação decidindo, entretanto, ouvir a respeito, o titular licenciado. Este indicou as professoras Leda Borges de Castro e Heloisa de Souza Lima Villela que, também, foram aprovadas pelo Conselho Departamental. Como a Congregação é soberana e o lapso jurídico subsistia, o Diretor submeteu o caso à deliberação da Congregação. Portanto não é verdade que o Prof. Myrtilo de Avellar Hingel tenha indicado qualquer assistente de Sociologia"; (Pág. 6).

CONTESTAMOS: - Tudo o que sabemos é que o Conselho Departamental, alertado pelo apontamento de S. Ex<sup>a</sup>, o Sr. Diretor da Faculdade em preencher a assistência da cátedra, à revelia do seu titular, advertiu-o de que tal procedimento fugia ao regimento, impondo-lhe o dever de sustar sua decisão. Agora, o que o professor Stepanenko não revela é que, S. Ex<sup>a</sup>, o Sr. Diretor, ou, alguém por ele, ao propor ao Conselho Departamental os nomes dos professores em foco, já os havia convidado para os respectivos cargos, tendo até pelo menos, no caso de um deles, obtido composição de horário, para facultar-lhe a acumulação com o exercício da mesma cátedra na Faculdade. Daí, o constrangimento e o mal estar de S. Ex<sup>a</sup>, o senhor Diretor, que, em todo esse "affaire", age em conivência manifesta com seus pares em ilde.

4. Dizer os indiciados na sua defesa:

"Não acreditamos que haja dolo na apresentação





tura de currículo de candidatos ao magistério e não vamos porque a Congregação não deva tomar conhecimento dos mesmos". (Pág. 6).

CONTESTAMOS: - O dolo era e é manifesto: Os professores Anthony Mendonça e Rosa Durán Stepanenko não estavam em causa. Não tinham sido indicados pela única pessoa capaz de indicá-los e que, de acordo com o Regimento, ainda em vigor, ao contrário do que sustentam os ex-adversos, era e é o titular da cadeira. A má fé, o dolo, o propósito de tumultuar a vida da Faculdade, por aquele que deveria ser o mais interessado em preservar seu perfeito funcionamento foi e é patente. O propósito de colocar a professora Rosa Stepanenko, cujos méritos intelectuais não pomos em dúvida, porque não temos a honra sequer de conhecê-la, e não ser como esposa do Prof. Stepanenko, é incontestável. O conselho do Diretor da Faculdade com os professores Stepanenko, Maria Andréa e agora revelado pelo próprio Prof. Stepanenko, no sentido de unificar o ensino das ciências sociais, na Faculdade, à base da "antropologia cultural", como adiante se provará, é indiscutível.

5. Dizem os indiciados na sua defesa:

" Não conseguimos compreender como um céptico pode ser materialista e evolucionista, uma vez que os dois últimos são dogmáticos". (pág. 6).

CONTESTAMOS: - Para compreender isso, não escapará à douta comissão, exige-se um mínimo de conhecimentos filosóficos. Escapam aos indiciados que tudo o que não é ciência "positiva", no sentido que eles entendem a ciência positiva, - é, à luz da filosofia, "dogmatismo". Ora, não há meio de provar "cientificamente" que se possa ser ou se deva ser "céptico", logo o céptico é um dogmático também... A dificuldade dos indiciados está em que, além de seu despreparo filosófico confesso, e, por causa dele, ignoram que, ainda para negar qualquer valor à filosofia, em nome da ciência, se faz filosofia....

6. Dizem os indiciados na sua defesa:

"Acreditamos que ensinar não é fornecer esquemas prontos e acabados de pensamentos e teorias, mas sim educar. É oferecer aos alunos todas as alternativas possíveis do pensamento, à luz das verdades..."





cas vigentes na época, de tal forma que este último alcancem a independência intelectual, base da democracia". (Página. 6/7).

CONTESTAMOS: - De pleníssimo acôrdo com os indiciados, quanto à primeira parte de sua afirmativa. Nem outra coisa fizemos ao largo de nossos quarenta anos e mais de magistério em todos os graus. E, por isto mesmo, é que jamais adotamos, no ensino universitário, nenhum autor, nem manifestamos a nossos alunos preferência por nenhum deles por mais que todos reclamassem. O que sempre fizemos, foi confrontar autores dos mais distantes quadrantes intelectuais, de Aristóteles e Marx, de Vilfredo Pareto a Gredt, dos Pais do Materialismo Dialético aos Pais da Igreja - mas, nunca deixamos nossos alunos perdidos na vaga imensa das citações sem nos definir. Aliás, sempre os aconselhamos a exigir de seus mestres, quando se dessem ao luxo de exhibir erudição, que se não esquecessem de "repetidamente", solicitar-lhes: - "está bem, senhor professor, até aqui, sabemos o que todos pensam a respeito do assunto ... mas, o senhor mesmo, o que pensa? Qual é sua opinião?". .. Aí estão gerações e gerações de alunos nossos para confirmarem ou desmentirem esta nossa afirmativa ... Acresce ainda que, intencionalmente, os indiciados querem baralhar, sem vantagem, as coisas ... O que denunciávamos não é a presença do livro de Kingsley Davis, na Faculdade, e, na biblioteca da Faculdade, como obra de consulta, pois, na nossa biblioteca particular, devemos seguramente possuir coisa bem mais medíocre ... O que condenamos e continuamos a condenar é que se tenha obrigado aos alunos, conforme nos consta e só o inquérito poderá provar o contrário - a adotar tal livro como manual de texto em aulas, chegando-se a baixar notas de alunos por não terem aceito as idéias nêle expostas ...

Será verdade? ... Custamos a crer ... mas, é o que consta e justamente, por isto, solicitamos o inquérito.

7.

Dizem os indiciados na sua defesa:

"Os professores da Faculdade não são responsáveis por seminários promovidos por alunos e muito menos pelos livros e assuntos nêles discutidos" (Pág.6).

CONTESTAMOS: - Em nenhum tópico de nossa exposição afirmamos tamanhos dislates. Os indiciados, intencionalmente ou não, tresloucaram. O que fizemos foi responsabilizar, como responsabilizamos





Sr. Diretor, pelo que se está passando na realização dos seminários porque entendemos que todo Educandário, como já ensinava o Conselheiro Acácio, é uma unidade de docentes e discentes, com um Diretor responsável, por tudo o que nêle acontece e se inclui nos seus múnus de Diretor. Nada além disso. Tudo o mais é distorção.

8. Dizem os indiciados na sua defesa:

"Declaramos que não temos notícia do programa apresentado pelo titular de Sociologia no Departamento de Ciências Sociais, porque não pertencemos ao referido órgão colegiado e nem mesmo sabíamos de sua existência (Pág. 7).

CONTESTAMOS: - Isto prova apenas a falta de unidade, que não deve ser confundida com uniformidade do ensino que se dá na Faculdade, na seção de "Ciências Sociais", não por nossa culpa, e, sim, pelo desinterêsse confesso dos assistentes da cátedra de sociologia de sequer conhecerem o programa básico e a bibliografia do Titular da Cátedra, como condição mínima de um mínimo também de "unidade". Para conhecimento da douta Comissão, em anexo um exemplar do mesmo, a fim de que conclua que, longe de ser um programa à base de "esquemas prévios", como parece quererem inculcar os indiciados, é um programa seguido de bibliografia a mais atual e talvez nem ao alcance de todos os alunos. Tem, entretanto, razão os indiciados de desconhecere[m] o "Departamento de Ciências Sociais" porque êste inexist[e]. O que existe é o "Departamento de Ciências Econô[m]icas e Sociais" ... valeu a "trouvaille" ...

9. Dizem os indiciados na sua defesa: -

"Afirmamos que o Diretor não pode ser responsabilizado pela orientação de cada cadeira ou disciplina ministrada na Faculdade".(Pág. 8).

CONTESTAMOS: - Embora indiretamente exposto nosso ponto de vista a respeito no item 7 - já é tempo de exigir dos indiciados na denúncia que provêm o mandato de S.Ex.<sup>a</sup>, o Sr. Diretor, para se apresentarem como seus patronos nesta causa ...





10. Dizem os indiciados na denúncia: -

"Estranhamos que o Titular de Sociologia discordando da indicação do compêndio "A Sociedade Humana" de Kingsley Davis em 1965, venha só em outubro de 1967 formalizar sua divergência". (pág. 8).

CONTESTAMOS: - É verdade que só em 1967 "formalizamos", não nossa advertência, mas, a "denúncia". Sobre esta nossa atitude, sabe a indiciada Maria Andréa cuja lealdade invocamos, neste passo, porque, apesar de tudo, continuamos a confiar na sua probidade - que não é verdade que, divergindo das doutrinas veiculadas no malsinado compêndio, desde 1965, sobre as mesmas tivéssemos silenciado. Tão logo conhecemos do sucedido, no primeiro ano de Pedagogia, tendo por centro, tese exposta no referido manual de aula - agimos como nos impunham os imperativos de qualquer consciência cristã. Agora, se só em 1967 formalizamos a denúncia e requeremos o inquérito, foi porque, em nossa boa fé, supúnhamos ter sido atendida nossa intervenção e nunca poderíamos supor que de uma atitude de lealdade de nossa parte pudesse resultar todo êsse "revanchismo", sem grandeza, só admissível e explicável pela conivência do Diretor da Faculdade com os indiciados na denúncia, a ponto, como estamos vendo, dos professores Stepanenko e Maria Andréa, sem legitimidade de mandato, se permitirem tomar sua defesa ...

11. Citam os indiciados na sua defesa os seguintes nomes como responsáveis pela "tradução" do livro de Kingsley Davis:

"Lineu de Albuquerque Melo - da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Temístocles Brandão Cavalcanti - da PU-RJ e da UFRJ; Luiz Aguiar da Costa Pinto - da UFRJ e à época, Diretor do Centro Latino Americano de Pesquisas em Ciências Sociais da UNESCO; Hildebrando Leal - da PUC-RJ e da UF RJ; Jorge Kingston da UFRJ e da Fundação Getúlio Vargas; Evaristo de Moraes Filho - da UFRJ, Presidente do Instituto de Ciências Sociais da UFRJ e da PUC-RJ Catedrático de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro - Docente-livre e Regente de Cátedra em Sociologia da Faculdade de Filosofia da Universidade





Federal do Rio de Janeiro - Professor da Escola de Sociologia e Política da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - Membro do Conselho Fiscal da Universidade Internacional de Estudos Sociais "Pro Deo", Presidente do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Rio de Janeiro; Padre Raymundo Ozanan de Andrade, S.J.; Luiz de Castro Faria. - Professor Regente da Cadeira de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal Fluminense - Chefe de Departamento de Ciências Sociais - Ex-Diretor do Museu Nacional; Roberto Cardoso de Oliveira - Diretor da Divisão de Antropologia do Museu Nacional, Vice-Presidente do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Chefe de Pesquisa do Conselho Nacional de Pesquisas, Membro do Conselho Nacional de Proteção aos Índios, Membro do Conselho Científico da Associação Brasileira de Antropologia; José Arthur Rios - Professor de Sociologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Membro do Conselho da CAPES, Membro da Comissão de Especialistas de Ensino de Faculdades de Filosofia, chefe do movimento "Economie et Humanisme" no Rio de Janeiro fundado pelo Padre L. J. Leuret e membro do Centro Dom Vital; Manuel Diegues Jr. - Diretor do Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais e Presidente do Conselho do Centro de Estudos Sociais e Religiosos da Conferência Nacional dos Bispos; Paulo César Botelho Junqueira, Vice-Diretor da Escola de Sociologia e Política da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; Padre Afonso Gregory - Diretor do Centro de Estudos Sociais e Religiosos da Conferência Nacional dos Bispos" - e concluem de maneira enfática:

"Em reunião conjunta do Conselho do Instituto de Ciências Sociais aprovaram o texto como adequado para ser traduzido e utilizado como manual de Sociologia. Ou estas autoridades notáveis da intelectualidade nacional acreditaram que a obra tinha e tem valor científico ou foram ludibriadas em sua boa fé.





Até certo ponto é incompreensível como quatro profes-  
sôres de uma Pontifícia Universidade Católica tenham  
dado o seu aceite e recomendação a um livro que fôse-  
se tão contrário aos princípios cristãos, princípios  
que alguns dêles, públicamente, confessam.  
Este Conselho ou sabia o que estava fazendo ou tinha  
estranhos e inconfessáveis desígnios.

Mais espantoso ainda é verificar que o Catálogo Esco-  
lar do Ano Letivo de 1966 da Escola de Sociologia e  
Política da Pontifícia Universidade Católica do Rio-  
de Janeiro, inclui na página 208 a indicação do livro  
" A Sociedade Humana" de Kingsley Davis, na tradução  
portuguêsa. O livro faz parte da bibliografia impre-  
sa e elaborada pelo Padre Raymundo Ozanan de Andra-  
de, S.J.

Como pôde este livro ser indicado numa Pontifícia U-  
niversidade Católica, e ainda mais, divulgado ?

É realmente surpreendente que tôda uma ordem religio-  
sa como a dos Jesuítas não tenha condenado o livro -  
de Kingsley Davis e o professor que a indicou, como-  
contrária aos fins , muito mais expressos, dos Esta-  
tutos da Pontifícia Universidade Católica, que os de  
uma Faculdade anteriormente particular e hoje públi-  
ca.

A única resposta provável e correta é que o  
manual em questão possui algum valor para a formação  
do sociólogo".

CONTESTAMOS: - Até nós, se fizéssemos parte de qualquer das comi-  
sões decidiríamos no mesmo sentido. Não, porém, pa-

ra:

- a) provar que o livro possui qualquer valor científico . .
- b) não para ser adotado como compêndio ou manual de au-  
la, que é o que se discute ...
- c) não por nos deixar ludibriar na nossa boa fé ...
- d) não por não saber o que estávamos fazendo...
- e) não por termos estranhos e inconfessáveis desígnios

... mas, tão e unicamente, para mostrar quanto absur-  
do se pode encontrar em livros que gozam de tanto conceito nos  
tados Unidos, que dêle até se fizeram "quatorze edições",  
ta da "orelha" ... e mais, para mostrar a desorientação





lo ensino de sociologia no mundo, a ponto de se apresentar em compêndio credenciado por professor de tantas Universidade Americanas o "Incesto como um Tabu", e "Infanticídio" como legítimo, a Religião como um atraso e quejandos. Sabem os ilustres indiciados que, ao lado da sociologia dos normais, existe a sociologia dos anormais, ou, a "sociatria".

Não estranha, portanto, e nada prova que êsses e outros professôres da FUC incluam no catálogo de obras de consulta dos alunos o de Kingsley Davis e outros piores ainda. Não estranha que os ilustres assessores da Conferência Nacional dos Bispos indiquem à leitura de S. Ex<sup>as</sup>, tal obra e outras piores ainda. É seu dever fazê-lo. Mais do que ninguém, S. Ex<sup>as</sup> necessitam de quem os informe, com segurança, do que vai pelo ensino da Sociologia no mundo. E, evidentemente, não terão tempo de consultar sequer o índice bibliográfico de tudo o que diàriamente as editôras derramam no mercado. Agora, o que não padece dúvida é que nenhum dêles seria capaz de dizer às S. Ex<sup>as</sup>, os senhores Bispos, que o livro de Kingsley Davis é um livro, que não contraria a doutrina social católica e à sociologia cristã, em que pese o horror confesso dos indiciados pela existência de uma sociologia cristã.

12. Dizem os indiciados na sua defesa :

"Uma produção sociológica é apenas sociológica e nada mais. Assim, quando sabemos que a Sociologia moderna se confunde com o método científico no seu sentido mais estrito, o seu conteúdo doutrinário desaparece ou é minimizado. Da mesma forma ocorre com a matemática, a física, a geometria, etc. A Sociologia científica não pode hoje em dia abordar os planos que fazem ao mundo empírico capaz de ser experimentado pelo Homem. Confundir Filosofia Social com Sociologia pode trazer grandes embaraços pois hoje se situam em dois campos". (Pág. 10).

CONTESTAMOS: - Haveria muito o que respigar neste item, se quiséssemos ou pensássemos em analisá-lo na íntegra. Mesmo querendo ser breves, não poderemos deixar de nos entendermos pouco além do que desejaríamos. E iniciaremos, voltando ao texto da citação que os indiciados colocaram no resto de suas "considerações":

"O Educador busca um lento processo de desenvol





to, o propagandista resultados rápidos; o primeiro ensina as pessoas como pensar; o último o que pensar; um forceja por produzir responsabilidades individuais e espírito aberto, o outro, utilizando efeitos de massa, busca produzir um espírito bloqueado".

Liminarmente, os educadores seriam os indiciados e o propagandista seríamos nós. Vejamos, porém, em face do comportamento de uns e outro, no que se refere à apresentação da "sociologia", o que concluirá a douta comissão. Há na definição supra de "sociologia por êles adotada e transcrita linhas acima, pelo menos algumas conotações que merecem destaque:

- a) "a sociologia moderna se confunde(sic!) com o método científico no seu sentido mais estrito...
- b) ... da mesma forma ocorre com a matemática, a física, a geometria, etc.
- c) ... a sociologia científica não pode hoje em dia abordar os planos que fazem ao mundo empírico capaz de ser experimentado ...
- d) confundir Filosofia Social com Sociologia pode trazer grandes embaraços, pois, hoje se situem em dois campos ... "

Fiquemos aqui por ora.

A atitude dos indiciados nos traz irreconstruivelmente à lembrança este delicioso suelto de Jacques Leclercq, o insigne mestre de Louvain, hoje idoso, residindo em Liège, ex-professor de quase todos os que compõem a cúpula da famosa universidade Europeia, os quais costumeiramente a êle ainda recorrem, em peregrinação constante a seu voluntário retiro:

... "dizia-me recentemente um jovem investigador : eu não faço sociologia, faço inquéritos"...(v. "Do Direito Natural à Sociologia" - Jacques Leclercq, pag 170).

A afirmativa dos indiciados é, entretanto, bem mais dogmática, o que fixará definitivamente sua posição diante da Sociologia, daquilo que êles mesmos chamam de "sociologia moderna" que tipifica a sociologia do século XX e não nos permite





la com a do século XIX, é precisamente que, enquanto aquela era essencialmente um "dogmatismo" cientificista, a de hoje é uma "problematização" e das mais complexas. Ao que se deduz, os indiciados estão parados ainda em Georg Simmel (1858/1918), catedrático da Universidade de Berlim e de Strasburgo):

... "a sociologia é um novo método (sic!) uma auxiliar da investigação, para chegar, por novos caminhos, aos fenômenos que se registram naqueles campos (... das outras ciências sociais)... a sociologia não possui nenhum objeto que não se inclua no campo de outras ciências sociais e que por elas já não tenha sido estudado, mas, é apenas um caminho (sic!) novo para todas elas, um método científico, que, justamente por ser aplicável à totalidade dos problemas, não constitui uma ciência em si" (v. "Sociologia"—Georg Simmel, vol I, págs. 11/2).

Como se vê, confundir metodologia científica com ciência não é lá muito ortodoxo. O que nos parece legítimo seria decidir se a sociologia é uma ciência ou é um método. Simmel também não prima pela clareza. Em todo caso, afirma que a sociologia é apenas um "novo caminho", para investigação das demais ciências sociais. Sabemos perfeitamente que muitos sociólogos sobretudo americanos trilham a mesma rota: confundir "métodos" de investigação sociológica com sociologia. Acontece, entretanto, que no caso o sufragio não decide da legitimidade das posições, para quem é um educador: sobretudo diante da ameaça que correm os alunos abandonados aos riscos do "propagandista" ...

Mas, não é só. A mentalidade século XIX dos denunciados melhor se evidencia ainda na ênfase que dão ao nivelamento da sociologia com as "matemáticas, a física ou a geometria, etc.". Isto é tese que ninguém mais toma a sério em ciência sociológica. O fato sociológico não é uma coisa "morta", não é um "ser de razão", é uma realidade "viva". Lamentamos, douta Comissão, termos de nos entender neste item, mas, ele é decisivo para que melhor se avalie do quanto os indiciados refogem ao que ensina a melhor sociologia contemporânea. Foram eles mesmos que disseram conhecer e até militarem no movimento "Economie et Humanisme", liderado pelo pranteado Padre Lebret. Pois bem, eis alguns elementos de sua famosa equipe, retirados de seu excelente ensaio, "Situação da Sociologia" publicado no órgão oficial do movimento, em agosto de 1954:





... "foram as ciências naturais as primeiras a descobrir seu objeto próprio, sua teoria e sua técnica de investigação. A razão essencial é que estudam a "natureza morta" e puderam utilizar a experimentação e a medida pelo uso das matemáticas, porque seu objeto se presta facilmente à quantificação.

Mas, as ciências da "vida" escaparam, por muito tempo, a tal tipo de empreendimento racional. - Aí a razão de terem sido muito mais descritivas e não terem ultrapassado o estágio da observação e da classificação. Graças ao desenvolvimento das matemáticas e às novas possibilidades de utilizá-las, até no domínio biológico, estas últimas ciências fizeram progressos incontestáveis".

... "Acontece, porém, que frequentemente quando aparece uma ciência nova ela usa os métodos - quase sempre da ciência "inferior". É evidentemente - uma ocasião de progredir, mas, também de se contaminar. O mesmo se deu com a realidade social, desde o momento em que se decidiu que ela seria objeto específico de ciência ... o primeiro movimento foi de - lhe aplicar os métodos que já tinham dado prova de - sua eficácia na biologia ou na fisiologia. Sucede, porém, que, mesmo que se rejeite qualquer posição de "dogma", para que haja ciência, pelo menos um mínimo de "teoria" de ciência se exige. Como era necessário, além disso, conceder crédito a esta jovem "novata" na assembléia das outras ciências mais antigas, insistir-se-á necessariamente sobre tudo o que aparente a última "vénue" às precedentes. Se o sociólogo quer - passar por um biólogo ou um físico dos "fatos sociais" tanto é por esta razão em si como por motivo - filosófico consciente.

... "Evidentemente, tal posição não seria um mal, nem perigosa, se o novo terreno da sociologia se encontrasse no mesmo nível dos fatos físicos e biológicos. Aplicar a esta nova "tranche" do real os métodos e processos da inferior é uma operação sem dúvida necessária, pelo menos como ponto de partida, mas sob condição de não perder de vista os limites e os "portées" exatos. Sobretudo é preciso evitar de girar tal método em "sistema" e elaborar, a





dêle, uma teoria que explique o "mais" pelo "menos", o "superior" pelo "inferior". (A. Birou - "Situação da Sociologia", in Ec. Hum. - julho e agosto de 1954)

Ao cabo, não vemos porque tamanha receio de "confundir" Filosofia Social com Sociologia. De entrada, não se trata de "confundir" e, sim, de estabelecer "contato", porque, ainda é o mesmo Lebret, que no seu ensaio "Por uma Sociologia Viva", quem nos adverte:

"O termo "ciências sociais" é muito mal definido, seja que se considere o objeto dessas ciências, seja o nível científico até aqui atingido pela pesquisa. Num certo sentido tudo é social e a psicologia, a mais personalística ou mesmo a mais individualista, permanece uma definição, uma tomada de posição diante do "outro", seja êsse outro uma pessoa isolada, um grupo espontâneo, uma comunidade, uma sociedade, uma coletividade rural ou um quarteirão urbano, uma igreja ou um estado. Em qualquer dos casos, a psicologia social não pode rejeitar as ciências sociais. No plano "normativo", acontece o mesmo com a moral. Ora, torna-se cada vez mais difícil separar das ciências sociais as ciências normativas, a inserção concreta das pessoas nos diferentes grupos e suas intervenções devendo conduzir às finalidades que se propõe ou aceita, mais ou menos, conscientemente, o grupo".

("Por uma Sociologia Viva", Lebret, in "Ec.Hum" julho e agosto de 1954).

Até aqui a posição dos "educadores". Passemos agora à do "propagandista".

Ora, nossa primeira posição, diante de nossos alunos há muitos anos, é chamar-lhes a atenção precisamente, para o que distingue a sociologia do século XIX da sociologia do século XX. Enquanto aquela, repetimos, era "dogmática", fecunda em sistemas e fértil em polêmicas absolutamente vazias, esta converteu-se numa verdadeira "problemática". Se os jovens "educadores", aqui indicados, tivessem nos concedido a honra de ao menos saber como vimos tratando até em conferências os problemas sociais, veriam que a chave por nós adotada é invariavelmente a da "problemática".

E isto porque, enquanto compreendemos o que temos concluímos que nada tem sido mais difícil até hoje do que decidir





por quem tem efetivamente capacidade, qual é o objeto da sociologia. Pois, não basta ficar com a definição "nominal" da mesma e nos limitarmos a dizer que ela é a ciência da "sociedade". E ainda que bastasse, continuaria aberta a questão, porque surgiria e permaneceria, como permanece, o problema da natureza da ciência sociológica. Diante disso, que fazemos nós, os "propagandistas", que queremos ou temos como programa "bloquear os espíritos?" ...

Entre outras técnicas, invariavelmente, pomos em confronto, fora dos arraiais do pensamento católico, de um lado Cuvillier, que define a sociologia como a ciência positiva da vida social, de seus tipos e de suas leis; e de outro, Gurvitch, irreconciliável com êle, vendo a sociologia como um "processus interminável" de a-estruturação, desestruturação e reestruturação, da realidade social, aquêle "humano" irredutível a qualquer outra realidade.

Por outro lado, dentro dos arraiais católicos, pomos em confronto Lemmonyer, Tonneau et Troude, que defendem a autonomia total da sociologia - com Belliot e Llovera, êste último, escolástico puro, que subordinam a sociologia à ética, embora defendendo a especificidade própria do fato social. Ao cabo, porém, ficamos com Jacques Leclercq, cuja posição, sem fazer concessões excessivas ao fenomenologismo, nem mesmo tocar no termo não nos fecha o caminho a um "contato" com as correntes atuais, que não podem, nem devem ignorar êste nôvo rumo do pensamento moderno, resguardando-se, porém, como o fêz a Universidade Católica de Tubingue, na sua tentativa de explorar a dialética de Schelling e Hegel, sem schellingianizar nem hegelianizar a teologia e o pensamento católico em geral.

Não vemos que outra posição poderia tomar um "propagandista", que, no conceito aplicado de Brown não é um "educador". Acredite a douda Comissão que hoje, dadas as dificuldades apresentadas por Leuret e o próprio Leclercq, supomos que poderíamos representar a problemática das ciências sociais e em particular a da sociologia por três triângulos:

## 1º - O DA POSIÇÃO DE J. MORENO:

" No curso dêstes últimos cento e cinquenta anos, as ciências sociais progrediram segundo três grandes correntes: a sociologia, o socialismo científico, a sociometria. Essas três correntes correspondem a regiões e à ambiências culturais diferentes; a sociologia desenvolveu-se na França, o socialismo na Alemanha e na Rússia, a sociometria nos Estados Unidos. Cada uma das três





disciplinas pode ser sumariamente caracterizada como se segue: a sociologia, na sua origem, se propunha, antes de tudo, construir um quadro bem delimitado susceptível de abranger o conjunto das ciências; a ciência socialista visava sobretudo preparar e suscitar a revolução proletária; o fim essencial da sociometria era o de definir e de medir o homem, enquanto ser social, o "socius". Este, pelo menos, é nosso ponto de partida, simples hipótese heurística, que deve servir-nos para dispor os resultados das ciências sociais, em torno desses três centros de referência (v. J. L. Moreno, in "Fondements de la Sociométrie" - pág. 7 - Edição de 1954).

2º - O DA POSIÇÃO DA ANTROPOLOGIA CULTURAL, QUE, NOS PAÍSES ANGLO-SAXÕES, TENTA SUBSTITUIR A SOCIOLOGIA:

Para fixar a posição acima é indispensável dar uma noção sumária do que é a etnografia, a etnologia, a antropologia e finalmente, relacionar a antropologia com a sociologia:

ETNOGRAFIA: - "Ramo da antropologia cultural, que se ocupa do estudo descritivo das culturas particulares, sobretudo das culturas primitivas e alfabetizadas". (George Peter Murdock, in "Sociology and Anthropology").

ETNOLOGIA: - "Estudo científico dos grupos étnicos, com especial referência ao estudo comparativo das culturas dos diversos povos existentes ou só dos recentemente extintos. (V.G.P. - Murdock, in Anthropology").

ANTROPOLOGIA: - "Nos países anglo-saxões constituiu-se uma "antropologia social ou cultura", que vem a corresponder a uma nova e última etapa da síntese. Apóia-se nos dados adquiridos na etnografia e na etnologia. Seu esforço é de transcender os dados destas duas últimas".

É o que, sem equívocos, no-lo demonstra Levy-Strauss: "A antropologia visa a um conhecimento global do homem, compreendendo-o em toda sua extensão histórica e geográfica; aspirando a um conhecimento aplicável ao conjunto do desenvolvimento humano, desde, digamos, os homens mais primitivos (hominídeos) até as raças modernas; e tendendo a conclusões positivas ou negativas, válidas, porém, para todas as sociedades humanas, desde das grandes cidades modernas até as das menores tribus melanesias"; (v. ob cit. pág. 110).





ANTROPOLOGIA E SOCIOLOGIA: - Dá-nos notícia G. Balandier do surgimento recente de uma obra "Modern Sociological Theory in Continuity and Change" (H. Becker e A. Boskoff -1957) na qual comparecem vários sociólogos, obra que chama a atenção pelas repetidas e múltiplas referências antropológicas contidas na maioria dos capítulos. Parece-nos pacífico que as relações entre as duas disciplinas são muito íntimas. Não há dúvida. Restar saber se será fácil estabelecer, de maneira clara, quais são tais relações. Na opinião de Levy Strauss, tais relações permanecem no terreno dos equívocos: a evolução dessas ciências nos conduziu, até hoje, a mal perceber a "diferença verdadeira" existente entre elas. A maneira pela qual Strauss procura resolver o equívoco é a seguinte: opor uma "objetividade" ligada a "um" sistema de pensamento (o do sociólogo) a uma "objetividade" aceitável por "todos" os sistemas de pensamento (o do antropólogo).

### 32 - O DA POSIÇÃO DE LECLERCQ:

" A sociologia geral estuda as constantes da Sociologia, isto é, aquilo que se encontra onde quer que haja sociedade. Podem-se distinguir aqui três ordens de problemas:

"Primeiro - a determinação do que é a sociedade, a sua definição, as suas características próprias, o que a distingue das outras disciplinas do espírito... A determinação do que se deve entender por sociedade prestou-se a discussões e ainda hoje se presta (grifo nosso). O próprio termo sociologia é susceptível de mais de uma interpretação".(grifo nosso).

#### Segundo problema:

... " mais importante é o estudo ou a reflexão sobre as constantes da vida social. Se o fenômeno social se encontra em toda parte onde houver homens, deve apresentar características comuns. Há vantagens em estudar esses fenômenos em si mesmos, de modo a tomar-se consciência da unidade ou da homogeneidade do fenômeno social, e de modo a não ser necessário recomeçar o estudo do ponto de partida a propósito de cada uma das suas manifestações... A sociologia geral deve indicar até onde se chegou no conhecimento dessas constantes".





Terceiro problema:

"Por fim, a sociologia geral ocupa-se dos métodos, no que têm de comum com toda a sociologia. Como os fenômenos sociais têm de comum o fato de serem sociais, os modos de investigação também terão algo de comum. Podem-se assim estabelecer regras de método sociológico, comuns a toda investigação social ... A sociologia geral é indispensável à unidade da Sociologia ... No entanto, a sociologia geral apresenta os perigos de todas as especializações. Se os que se dedicam à sociologia geral não fazem mais nada, correm o risco de perder de vista os problemas reais da sociologia, em função dos quais tudo se deve ordenar.

... Pode-se dizer o mesmo dos métodos. Existe na ciência um pendor muito generalizado para a matematização dos métodos, porque as matemáticas apresentam um grau de precisão que se não encontra noutra parte. Este pendor que domina as ciências da natureza, manifesta-se também nas ciências do homem, na psicologia e na sociologia.

Mas, neste caso, correm-se perigos que não se correm nos outros setores, porque os comportamentos psicológicos e sociais se revestem de aspectos qualificativos que é difícil, para não dizer impossível, reduzir a relações quantitativas ... Podem-se medir os gritos de uma multidão numa cerimônia patriótica, ou os risos dos espectadores em presença de um espetáculo cômico, mas, essa mensuração não mede o sentimento. Tais sentimentos encontram-se por vezes misturados com outra coisa, com outros estados de pensamento. Se apenas se tiver em conta o que é mensurável, corre-se o risco de empobrecer o real". (V. "Direito Natural à Sociologia" - Jacques Leclercq - págs. 203/215).

Como vê a douta Comissão, é algo simplista afirmar que a "Sociologia Moderna" se confunde com o método científico no seu sentido mais estrito". Duvidamos muito de que um cientista do tomo de Leclercq, Gurvitch, Cuvillier, Alain Birou, J. Moreno, sejam capazes de sustentar uma tese dessas. Quando insistimos em Leclercq é porque foi ele, na companhia de Le Bras, que, respectivamente, em Lovania e Paris, iniciaram a criação e fundaram os primeiros centros de sociologia religiosa, de caráter estritamente científico.

Mas, voltemos ao que interessa. Muito antes de conhecermos a obra de Leclercq e a de Lebrét, compreendemos que o problema mais difícil da Sociologia seria, e continuará a ser sempre, a sua integração com as demais ciências. Acontecendo, porém, que





nhuma das ciências sociais e muito menos ela sendo "auto-suficiente", nunca refugimos à dificuldade de tentar essa integração, não por meio da "confusão" de seus três momentos, para nós, distintos, mas, inseparáveis - o da "observação", o da "interpretação" e o da "experiência", mas, pelo "contato" íntimo entre êsses três momentos - é que sempre adotamos a denominação de "Sociologia Integral", para uso de nossos alunos.

Por que "Sociologia Integral" ?

- Porque, na "sociografia", que identificamos com o "field work", o pesquisador terá ampla liberdade para aplicar a metodologia que quiser, a estatística, o estudo dos casos, a comparação, a observação participante, ou, a experimentação - sem o mínimo risco de colidir com a "sociosofia", que é o domínio da "interpretação". E, se quiser - o que seria de grande alcance sobretudo político e administrativo - entrar, então, como "sociólogo", no campo da "experimentação".

É público e notório que lecionamos Sociologia, muito antes da Faculdade de Filosofia e Letras de Juiz de Fora existir. Consequentemente, muito antes de surgir o movimento "Economia e Humanismo", liderado pelo Padre Le Bret e ao qual, repetimos, foi dito, pertence um de meus ex-adversos neste melancólico "affaire". Daí se conclua nossa justificada alegria, quando deparamos com êsse incisivo, daquele grande líder do pensamento sociológico, no mundo contemporâneo, publicado em o número citado anteriormente de sua excelente revista:

" O problema central da sociologia: é o da "integração" ... ela, como nenhuma outra ciência social, não é auto-suficiente ... mas, a integração exigirá dos pesquisadores que revejam suas posições, que se acostumaram a considerar "definitivas"... A aproximação entre homens de observação, de explicação, homens da teoria, homens da prática, poderia contribuir para apagar as separações e as oposições até aqui perfeitamente estéreis, a mal fasejas ... que importa, depois de tudo, que o sociólogo, o mais oposto a toda concepção "normativa" da sociologia, queira a qualquer preço bani-la, se sua elaboração pode servir a outros para melhorar a sorte dos homens; que importa que um grande ativista tenda para fins práticos, se na sua observação, suas comparações, suas conclusões, êle se comporte dentro de uma linha invariável de seriedade científica ... Quando tais homens





verem aprendido a refletir em comum sôbre um dado certo, verão então que teoria e prática, ciência e ação, de vem estar em "simbiose". Assim é que a prática nutrirá a certeza da teoria, e que esta acrescentará eficácia à quella ... Seria de grande proveito que, prolongando seus estudos universitários, sociólogos e psicólogos, geógrafos e historiadores, economistas e estatísticos, engenheiros e arquitetos, médicos e higienistas; e até juristas e filósofos, pudessem fazer pelo menos três anos de "pós-graduação", de análise da realidade social, na sua extrema complexidade, em todos os seus aspectos e em tôdas as suas dimensões".

Queremos crer que a douta Comissão possui já elementos suficientes para julgar quem bloqueia os espíritos, se é quem considera referida ciência uma "problemática", ou, quem dogmatiza enfaticamente que ela se confunde com a metodologia "estrito sensu" ...

13. Dizem nossos jovens colegas: -

" Através do diálogo com os alunos do curso de Ciências Sociais percebemos já em 1964 uma insatisfação muito grande por parte dêles em relação ao curso. Procedemos a uma ampla pesquisa em que foram entrevistados os próprios alunos, os ex-alunos e na qual coletamos vários dados interessantes a respeito da organização, estrutura e desenvolvimento da Faculdade.

A situação em 1965 era que 40% dos alunos classificavam o curso como REGULAR, 32% como SOFRÍVEL, 12% como PÉSSIMO. Em outras palavras, 84% dos alunos não estavam satisfeitos com o curso e apontavam como deficiência a falta de entrosamento entre as cadeiras, o baixo grau de aprendizagem e a necessidade de se ampliar alguns cursos, diminuir outros e acrescentar novas cadeiras ".

CONTESTAMOS: - É com imenso pesar que somos forçados neste item a descer a um aspecto dêste embate sôbre o qual preferiríamos silenciar. Quem nos força ao penoso mister é tanto o próprio Professor Stapanenko e não há como evitá-lo.





Voltemos a 1964 . Ao receber o professor Stepanenko, pela primeira vez, fizemo-lo sentir as deficiências de nossa Seção de Ciências Sociais, que estava funcionando com o mínimo de disciplinas exigidas pelo currículo oficial, em virtude da situação precária em que existia a Faculdade, numa luta heróica apenas para sobreviver. Se, portanto, logo ao assumir a assistência da cátedra de Sociologia, êle já se permitia proceder a um inquérito entre os alunos sôbre a qualidade do curso ... francamente, preferimos calar - nos.

Acontece, todavia, que precisamente ao procedimento do Prof. Stepanenko, ou melhor à mensuração por êle feita sôbre a satisfação dos alunos, se aplica o que, linhas atrás, Leclercq nos dizdas cautelas com que devemos receber os resultados de tais mensurações. É que, dói-nos admiti-lo, mas, nos refohos de seu zêlo, de tamanho afã e aodamento, no proceder ao aludido inquérito, existia algo mais, que pouco tempo depois foi revelado, através de requerimento dos alunos auscultados, dirigido ao Departamento de Ciências Econômicas e Sociais, no sentido de ser êle eleito para sua Presidência, como se vê da cópia junto a êste ...

14. Dizem nossos jovens colegas:

" Com base nas informações obtidas e tendo conhecimento através de comparação, com currículos de outros cursos em estabelecimentos congêneres no País e no exterior, resolvemos apresentar ao Departamento de Estudos Sociais e Econômicos uma proposta de Reformulação do Curso de Ciências Sociais da PAFILE. O intuito foi de melhorar o curso e evitar que a insatisfação existente crescesse até um ponto insustentável.

Portanto no dia 23 de dezembro de 1965 a nossa proposta foi apresentada e recusada pelas ponderações do Prof. - Henrique José Hargreaves, que o Departamento acatou".

CONFESTAMOS: - Efetivamente, foi apresentada ao Departamento de Ciências Econômicas e Sociais uma proposta de reestruturação total do Curso de Ciências Sociais, e efetivamente o Departamento, cedendo a ponderações nossas, não a acatou. Entre algumas das razões, <sup>que</sup> pesaram na nossa posição diante da proposta do Professor Stepanenko, de duas nos recordamos: -

a) entendíamos que, na sua proposta dava-se





ênfase ao ensino da Antropologia Cultural com detrimento das matemáticas, sob fundamento de que não havia razão de no ensino das ciências sociais serem - tão necessárias tantas aulas de matemáticas;

- b) entendíamos que uma reforma tão radical, como êle propunha, deveria ser objeto de exame mais amadurecido; mas, de pronto, entendíamos que, quanto à primeira série do curso, já poderíamos aproveitar muito do que êle propunha, apenas, dando-se ao ensino da primeira série o caráter de uma introdução geral, no caso da Sociologia, isto é, uma visão panorâmica de tudo o mais que, nas demais séries, se desenvolveria amplamente.

Se nos opusemos à menor importância, que se procurava - dar ao ensino das matemáticas, foi porque entendíamos, como entendemos, que, com tôdas as cautelas que mereçam, e, ainda há pouco - assinalamos os resultados da aplicação da sociometria, é ela uma - das mais atuais e das mais fecundas fontes de conhecimento sociológico, além de ser pacífico que a análise fatorial e suas aplicações, fundada por C. Spearman e desenvolvida por L.L. Thurston, é de capital importância no estudo da sociologia, como de tôdas as ciências especificamente humanas, como a psicologia, por exemplo.

O pesquisador não iniciado na análise fatorial encontraria sérias dificuldades para, "partindo de certo número relativamente restrito de variáveis latentes, dar conta das co-variações de número mais elevado de variáveis." Tal análise é hoje corrente na sociologia e na economia, sobretudo com o desenvolvimento da eletrônica e das máquinas de calcular. Sua importância é de tal ordem que tem sido objeto de tema central em vários colóquios internacionais, entre outros no realizado, se nos não enganamos, no "Centro Nacional de Pesquisa Científica de França", por volta de 1948 ou 1950.

15.

Dizem nossos jovens colegas:

" A Sociologia contemporânea se atém simplesmente à verificação dos fatos experimentais e as ingerências desta atitude no campo espiritual não cabem aos sociólogos e nem são de sua responsabilidade. Da mesma maneira os cientistas que participam da conquista espacial não im-





dem ser responsáveis pelas ilações teológicas produzidas por seus trabalhos". (Pág. 11).

CONTESTAMOS: - Tal afirmativa baseia-se em alguns pressupostos, que não são assim tão unânimemente aceitos. O primeiro dêles é que se pode fixar, ou, mesmo que exista um fato social em "estado puro"; o segundo é que o pesquisador, a exemplo do professor "neutro" (puro ser de razão) possa existir na realidade; o terceiro é que a sociologia já está constituída ciência autônoma, sem guardar a menor relação com a filosofia.

Quanto ao primeiro pressuposto:

... "a sociologia, em certo sentido, não tem objeto próprio, (fato social puro, dizemos nós), porque consiste num corte introduzido pelo espírito na realidade, isolando os aspectos da vida, quando, a bem dizer, êsses aspectos não se encontram isolados na realidade (não há fato sociológico puro). Aplica-se portanto, a tudo, mas, não há nada que seja exclusivamente social (grifo nosso) É o caso, aliás de muitas outras ciências, como a moral, a cujo respeito fazemos a mesma observação. E a medicina que está para o corpo como a moral para o espírito". (Leclercq, ob. cit. pág. 203) ...

... "não há fato positivo (no sentido positivista) alheio ao homem e ao humano, que seja especificado social (grifo nosso). Mesmo a mais material e descritiva morfologia social ainda diz respeito a homens ... Em todo fato social existe a conjunção do humano com uma situação existente ou provocada (logo não existe fato social puro) (parêntesis nosso).

... "o que é um fato social? Acaso poderemos dar um exemplo de um fato social "em estado puro", que possamos isolar, não abstratamente, o que seria legítimo, do ponto de vista metodológico, mas, na realidade? ... O fato social não passa de um "sinal" ... Acrescentamos nós: - do ponto de vista abstrato, poderemos sublinhar, como o fazemos, os elementos materiais e formais do fato social, mas, nunca ensinamos que pudesse ser êle encontrado, na "experiência", definida sempre para nossos alunos, não como uma realidade meramente passiva, mas, como uma faculdade ativa de conhecimento ... Nossa posição é a de Morazé:

"O que chamamos de fato social é o resultado do esforço, tentando isolar de seu complexo indefinido um momento da evolução... o fato social, no seu estado mental, não existe ... o que se tem feito é etimologicamente falaciosamente de uma noção aparentemente simples





do que ainda é mais simples ... O que existe é a totalidade de um real social ... A tentação vã de uma análise sociológica é querer decompor esse dado complexo - de onde partimos em elementos simples e primitivos, à moda e sob a influência das preocupações da física e da química". (V.Rev.cit).

Quanto ao segundo pressuposto:

O professor "neutro" é um remanescente do século XIX, que teve muito conceito nos melhores dias do laicismo pedagógico. Hoje em dia, melhor aprofundado o conceito da docência, ninguém mais vai na conversa do mestre "neutro" diante dos alunos. Quem deu o tiro de misericórdia nessa excrescência, teria sido, a nosso ver, o grande Spalding, notável pedagogo americano, com seu "vitalismo pedagógico", como definimos sua atitude, segundo a qual o professor, o que menos faz numa aula, quando verdadeiro professor, é "ensinar", porque todos os seus gestos, sua entonação de voz, uma reticência, um sorriso, um comentário, tudo pode e de fato marca um aluno.

Mas, há mais:

Nem Durkheim que desejava a Sociologia, como nossos jovens colegas ainda desejam vê-la, isto é, como "uma ciência puramente positiva, consagrada aos fatos, nada mais que aos fatos, preocupada exclusivamente com a exatidão na análise dos fatos devidamente observados" - conseguiu manter-se nesta linha. Isto êle afirmava nas "Regras do Método Sociológico". Mas, já na sua obra doutoral, sobre a "Divisão do Trabalho", em 1893, confessava:

..."nosso primeiro dever no momento é elaborar uma moral... a ciência pode ajudar-nos a encontrar o sentido - segundo o qual devemos orientar nossa conduta"... isto, "para oferecer uma solução à terrível crise moral de nossa época" (Cit.de Leclercq, ob cit.págs. 157/8).

..."se pudéssemos saber o que se passa na cabeça do sociólogo desde o momento em que diz que simplesmente constata fatos (grifo nosso), até o momento em que os interpreta, poderíamos saber de que forma ou representação da totalidade partiu, quais as perguntas feitas a seu assunto, para que formas de elementos desceu e por que vias encontra a totalidade primeira, sob nova





Duhem mostrou muito bem que toda interpretação científica supõe a existência de concepções teóricas em nome das quais se dá nova interpretação à percepção imediata do fenômeno. Mas, nas ciências físicas, a teoria já é matematização dos dados e conhecimento irrecusável de um conjunto de leis homogêneas. Além do mais, trata-se de percepção imediata que encontra seu significado novo pela e na experimentação. O mesmo não acontece na sociologia. (Grifo nosso). A teoria não está baseada num conjunto de leis. A experimentação é impossível, porque não há instrumentação. Não existe como na física - um aparelho que seja a expressão de um princípio anterior e que possa servir de instrumento de medida, de verificação dos fatos novos e sua integração teórica" (v. A. Birou, in "Sociologia e Religião", pág. 141).

Finalmente o terceiro pressuposto:

Não faremos mais do que citar o Apêndice XI da excelente obra de A. Birou na íntegra:

#### FILOSOFIA E SOCIOLOGIA NA OBRA DE GURVITCH"

" O lugar que Georges Gurvitch ocupa atualmente na escola sociológica francesa é muito importante, para que não assinalemos o interesse de seus trabalhos do ponto de vista em que nos colocamos. Em sua obra sociológica, Gurvitch é bastante filósofo para ignorar ou desprezar as inevitáveis relações entre filosofia e sociologia. Para conhecer sua posição neste ponto, podemos recorrer ao sugestivo artigo do tomo XVII da Encyclopédie Française, reproduzido em Cahiers Internationaux de sociologie, vol. XXI, 1957: Reflexões sobre as relações entre filosofia e sociologia. (p.2-14) . Eis as principais perguntas a que o autor procura responder:

1. Qual a relação entre o conhecimento filosófico e o conhecimento científico, em geral, na hora presente?
2. Existirá um limiar metodológico comum que prece da qualquer tomada de posição filosófica ou científica ?
3. As ciências do homem e a sociologia, em geral, estarão em contato mais estrito e





- sófia do que as outras ciências ? Na afirmati-  
va, por que razões ?
4. Existirão ramos da sociologia em que a colabora-  
ção com a filosofia se impõe mais do que em ou-  
tros ?
  5. Será possível evitar que êstes ramos particula-  
res da sociologia aceitem uma doutrina determi-  
nada ?  
Na afirmativa, como consegui-lo ?
  6. O que a sociologia pode trazer à filosofia ?
  7. O que a filosofia poderá trazer à sociologia ?

Note-se o interêsse desta problemática de con-  
junto, problemática bastante nova e original cuja impor-  
tancia merece ser assinalada. Toca, realmente, em pon-  
tos importantes, decisivos para a orientação das ciên-  
cias do homem em geral, e da sociologia em particular.  
(grifo nosso). Sem analisar a solução de Gurvitch, na -  
qual há elementos verdadeiros que se devem manter, e sem  
formular a crítica que parece justa, podemos dizer -  
que a filosofia de Gurvitch não leva em conta suficien-  
tamente o problema do conhecimento e o problema do ser.  
Em sociologia, como em filosofia, seu hiperempirismo -  
dialético exigiria discussões. Querendo, com justiça, e-  
vitar o materialismo e o idealismo, Gurvitch é levado a  
uma espécie de relativismo absoluto, que dialetiza tôda  
a realidade. "Esta dialética hiperempirista serve de lí-  
miar metodológico comum para a filosofia e a ciência e  
substitui qualquer síntese unificadora..."(pág. 9).

A vontade de não privilegiar nada, mesmo em fi-  
losofia, o faz ignorar a atitude realista e o mundo dos  
valôres. Gurvitch, lendo estas linhas, diria que, mais  
uma vez, foi incompreendido. O pensamento dêste autor  
não é simples e seu vocabulário ainda menos. Além disso  
como êle mesmo o disse, não há pensamento fixado, uma -  
vez por tôdas, sem variação e sem progresso ao longo da  
obra. Leia-se, a êste propósito, seu artigo: "Non itiné-  
raire intellectuel em Les lettres nouvelles, (julho -  
gosto de 1958, pág. 65-83). Estas páginas permitem com-  
preender as evoluções do pensamento de Gurvitch,





avaliar as influências sucessivas e muito diversas que agiram sobre sua obra filosófico-social.

Os autores e comentadores que falam de Gurvitch se parecem com cães correndo arfantes em busca de um coelho que sempre lhes foge. Ele mesmo se situa "contra a corrente", na encruzilhada dos caminhos em que os filósofos e sociólogos vêm combater. "O ritmo de meu pensamento esteve quase sempre em contraposição com o que estava na moda. Sou, portanto, um "expulso do bando", por vocação, por assim dizer. Os sociólogos franceses e americanos, em sua maioria, hoje me condenam como a um "filósofo" que errou de porta; e os "filósofos" vêm em mim um "traidor" que há muito mudou de campo". (Ibid pp.82-83).

Supomos, assim, que estamos diante de uma problemática, pelo menos, um pouco mais complicada do que a supõem nossos jovens colegas.

\*\*\* \*\*

DOUTA COMISSÃO:

- Observarão os ilustres elementos dêsse colendo colegiado: que nenhuma referência fizemos às sábias, eruditas e minuciosas disquisições jurídicas, em que se baseiam nossos ex-adversos, para refugirem ao inquérito, por nós requerido. E assim procedemos, porque o terreno não é o nosso. De qualquer modo não nos demos por convencidos de que se justifique a supressão e se queimem etapas de complementação legal no processo de integração da Faculdade de Filosofia e Letras de Juiz de Fora para se dar liminarmente com perfeita e acabada referida incorporação com a simples publicação de uma lei. Contudo, melhor dirão os doutos e especialistas. De nossa parte, oficial ou não a Faculdade de Filosofia e Letras de Juiz de Fora; enquadrada ou não de vez na Universidade Federal de Juiz de Fora, dentro ou fora das preceituações de Lei de "Diretrizes e Bases" confessional ou não a instituição - não podemos deixar de dar o nosso testemunho, fora de qualquer dúvida, de que o livro de Kingsley Davis, adotado como manual de aula e cento de interesse em seminários realizados no "Grupo" ou "Centro de Estudos Sociais" da Faculdade, - pelas teses que contém e das quais demos noticiário





-fundamentação de nosso requerimento - merece a mais viva repulsa - de quem possua um mínimo sequer de formação cristã.

Finalmente, supomos que o essencial, no nosso entender, que mereceria um reforço de esclarecimento, se não foi diretamente abordado, o foi indiretamente. É óbvio, entretanto, que quaisquer outros pontos menos claros só poderão ser elucidados, ao largo do inquérito, que requeremos, e, sobre cujo cabimento incumbe aos ilustres componentes da preclara Comissão decidir. Não obstante, para outros detalhes sobre a matéria em exame, não possuimos limitações - nem de comodidade, nem de tempo, para atender a qualquer de seus dignos e honrados componentes.

Juiz de Fora, 26 de outubro de 1967

---

HENRIQUE JOSÉ HARGREAVES  
-Titular da Cadeira de Sociologia-

